

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E
MOVIMENTO SOCIAL: Estudo de caso do Cursinho Comunitário
Pimentas em Guarulhos-SP

*EDUCACIÓN GEOGRÁFICA, PRÁCTICAS EDUCACIÓN NO FORMALES
Y MOVIMIENTO SOCIAL: Estudio de caso del Cursinho Comunitário
Pimentas en Guarulhos-SP*

*GEOGRAPHIC EDUCATION, NON-FORMAL EDUCATION, SOCIAL
MOVEMENT: Study case the Cursinho Comunitário Pimentas in
Guarulhos-SP*

Antonio Carlos Pinheiro

Professor Adjunto do Departamento de Educação da Escola de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo – Guarulhos-SP.
Estrada do Caminho Velho, 333 Bairro dos Pimentas - Guarulhos-SP - CEP 07252-312
E-mail:

Resumo

O presente trabalho teve por finalidade analisar as relações existentes entre a educação não formal e os movimentos sociais com base local, em especial um estudo de caso, tendo como sujeito/objeto o Cursinho Comunitário Pimentas, localizado no bairro dos Pimentas na cidade de Guarulhos, Estado de São Paulo, Brasil. Outro objetivo foi abordar o tema por meio da contextualização geográfica. A educação não formal representa todas as ações educativas realizadas fora do sistema escolar, a qual se pode também denominar de educação não escolar, em suma, todas as formas não institucionalizadas e territorializadas pelo espaço geográfico.

Palavras-Chave: Educação Geográfica, Educação Não Formal, Movimentos Sociais.

Resumen

En este trabajo se pretende analizar las relaciones entre la educación no formal y los movimientos sociales de base local, en particular, un estudio de caso, teniendo como sujeto y objeto el Cursinho Comunitário Pimentas, situado en el Barrio de Pimentas en la ciudad de Guarulhos, Estado de São Paulo, Brasil. Otro objetivo es abordar la cuestión a través del contexto geográfico. La educación no formal representa a todas las actividades educativas fuera del sistema escolar, que también se puede denominar la educación no escolar, en definitiva, todos las formas no-institucionalizada y territorializada por el espacio geográfico.

Palabras-Claves: Educación Geográfica, Educación No Formal, Movimientos Sociales.

Abstract

This work had the purpose of analyze the existing relationships between the non-formal education and the social movements with local base in a special study case, been had like a study object the Cursinho Comunitário Pimentas, located on Pimentas district, Guarulhos city, SP, Brazil. Another objective been tackled the topic across of geographical context. The Non-formal education represents all the education actions realized out of the school system, which also can call of No-school education, in short, all the Non-institutionalized and territorialized forms for geographic space.

Key words: Geographic Education, Non-formal Education, Social Movements.

Introdução

O presente trabalho teve por finalidade analisar as relações existentes entre a educação não formal e os movimentos sociais com base local, em especial um estudo de caso, tendo como sujeito/objeto o Cursinho Comunitário Pimentas, localizado no bairro dos Pimentas, na cidade de Guarulhos, Estado de São Paulo, Brasil. Outro objetivo foi abordar o tema por meio da contextualização geográfica.

O Cursinho é uma instituição de educação não formal e popular que tem por objetivo preparar jovens e adultos para concorrer a uma vaga na universidade. Este concurso é tradicionalmente chamado no Brasil de *vestibular*. Os jovens que participam do projeto, na sua maioria, vivem no bairro. A localidade é caracterizada por moradias de baixo padrão, situação de risco social e marcada pela exclusão. Embora o Cursinho tenha um objetivo pontual, acaba influenciando seu entorno, contribuindo para desenvolver vínculos sociais e redes de solidariedade entre seus participantes.

Esse estudo está integrado às Práticas Pedagógicas Programadas (PPP) do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo. O Curso tem como princípio, para a formação do profissional de educação, uma formação abrangente, envolvendo a docência, a gestão dos processos educativos em ambientes escolares e não escolares, além da disseminação dos conhecimentos da área da educação para vários setores da sociedade. Visa formar um profissional apto para atuar na sociedade considerando a docência na Educação Infantil, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos, nas modalidades não formais. Na gestão prepara para atuar no

campo da administração escolar, na supervisão do ensino e na área das políticas públicas da educação.

A PPP é uma Unidade Curricular do Curso de Pedagogia, organizada como um programa de preceptorado, que tem por finalidade proporcionar espaço para aprendizagem prática dos profissionais em formação, levando para o interior da universidade a realidade educacional na sua complexidade, nas escalas local, regional, nacional e global. A PPP desenvolvida em 2008 é continuidade do projeto “Comunidade de Aprendizagem: estudo do meio no Bairro dos Pimentas”, iniciado no primeiro semestre de 2007. Em 2008, o projeto foi redefinido e denominado de “Redes de ações educativas não formais do Bairro dos Pimentas”, cujo estudo foi o caso do Cursinho Comunitário Pimentas.

Nas pesquisas anteriores, com relação às práticas não formais, identificou-se a existência de diversas ações no bairro. Descobriu-se que os tipos de parcerias são múltiplas, algumas recebem apoio governamental – municipal, estadual e federal –, podendo ser de uma instância, ou da combinação de duas ou até das três ao mesmo tempo. Outras recebem apoio da comunidade, de instituições privadas, de igrejas etc. Os projetos relacionados foram: Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos – MOVA, Projovem, Cursinhos Populares de preparação para o ingresso na universidade, Escola da Família, Brasil Alfabetizado e cursos diversos de qualificação profissional, entre outros.

No presente estudo a categoria de *educação não formal* foi mantida, porém articulada aos *movimentos sociais* na educação. A educação não formal representa todas as ações educativas realizadas fora do sistema escolar, a qual se pode também denominar de educação não escolar, em suma, todas as formas não institucionalizadas, sem uma hierarquia estruturada e que não precise necessariamente de uma cronologia gradual na aprendizagem (SIMSON, BRANDINI e PARK, 2001). A modalidade não escolar, embora fora dos parâmetros do sistema formal de ensino, também é organizada e sistematizada. As ações não formais ocorrem em espaços diversos, como na associação de bairro, nos movimentos sociais, nas igrejas, centros de saúde, hospitais, nos sindicatos, nas Organizações Não Governamentais, nos espaços culturais e nas próprias escolas.

Em termos populacionais, Guarulhos vem num crescendo desde a década de 1960. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município passou de 101.273, em 1960, para 532.724, em 1980, e em 2000 atingiu a cifra de 1.071.299. No plano econômico, seu crescimento foi impulsionado, na década de 1980, com a instalação, em 1985, do maior complexo aeroportuário do país, o Aeroporto Internacional de São Paulo/Guarulhos. O empreendimento, articulado ao complexo rodoviário extremamente dinâmico – rodovias Fernão Dias, Presidente Dutra e Ayrton Senna –, tornou o município um espaço estratégico para as relações entre o Brasil e o atual contexto econômico internacional. Se até pouco tempo Guarulhos era uma grande periferia encravada na Região Metropolitana de São Paulo, hoje, pela sua situação geográfica privilegiada, se transformou em importante polo potencial de investimentos de capitais nacionais e estrangeiros (SANTOS, 2006).

Guarulhos é atualmente a segunda maior cidade do Estado de São Paulo, deixando para trás apenas a capital. No censo de 2000, o IBGE registrou 1.072.717 habitantes. Segundo projeção da Fundação SEADE, em 2005, Guarulhos tinha 1.132.651 habitantes, ocupando a 11ª posição no *ranking* nacional. No plano econômico, estava em 9º lugar no país, considerando o Produto Interno Bruto – PIB (IBGE, 2004). A prefeitura de Guarulhos, para fins administrativos, territorializa a cidade em grandes bairros e o Bairro dos Pimentas é uma das regiões administrativas do município.

O Bairro dos Pimentas é hoje o mais populoso de Guarulhos, no censo de 2000. O IBGE registrou um total de 132.45 habitantes, concentrando 12,35% do total do município. Nos últimos anos o bairro tem recebido melhorias, tanto nas suas imediações, quanto internamente, porém nos mapas de inclusão/exclusão social apresenta índices preocupantes. O campus da Unifesp foi instalado no bairro em 2007.

Para a realização desse estudo foram feitas diversas visitas (trabalho de campo), coletas de dados, entrevistas, filmagens e registros fotográficos. Como produto do trabalho, produziu-se um Relatório e um Documentário. As entrevistas foram gravadas em vídeo e transcritas pelos membros da equipe. Foram entrevistados coordenadores, professores e alunos do Cursinho. A análise não identifica as falas, porém foram numeradas numa ordem aleatória. Para complementar as análises, organizou-se um questionário com questões para revelar a gênese do Cursinho. Pela riqueza das

entrevistas, sabe-se que não se explorou todo o material, porém destacamos alguns pontos para reflexão.

Educação geográfica e Educação não formal

Este texto articula-se com o trabalho realizado no Curso de Pedagogia do Campus de Guarulhos da Unifesp, envolvendo as Unidades Curriculares de Fundamentos Teórico-Práticos para o Ensino de Geografia e de Práticas Pedagógicas Programadas (PPPs). Também resulta da pesquisa em andamento “Redes de ações educativas não formais no Bairro dos Pimentas”, de 2008, cujo foco em 2009 pretende estudar os impactos e as conexões das ações não formais nas escolas públicas do bairro.

As reflexões do presente texto visam discutir ações educativas não formais articuladas ao propósito das PPPs. Esta unidade curricular, transversal no curso de Pedagogia, concebe a educação como campo de conhecimento e como processo que transcende as fronteiras da escola, com vistas à formação de competências engajadas com diversas situações de aprendizagem. As PPPs pretendem, por meio de suas ações, conhecer e vivenciar uma situação real de aprendizagem com base local e as articulações existentes, mediante o estudo de práticas diversificadas e do lugar de sua realização.

Com a aceleração do tempo, o espaço se organiza/reorganiza com maior dinamismo, o fluxo de ideias e de objetos impõe outras percepções e comportamentos, instigando as pessoas a codificar/decodificar o mundo, refazendo-se constantemente. Segundo Cavalcanti (2006), com o advento das tecnologias da comunicação e da informação, os acontecimentos cotidianos são influenciados por fatos que vão além do seu entorno imediato. Assim, a autora considera que hoje é importante que as pessoas olhem ao mesmo tempo para “um contexto mais amplo e global, do qual todos fazem parte, e para os elementos que caracterizam e distinguem seu contexto local” (CAVALCANTI, 2006, p.32).

Os movimentos sociais com base local, nestas últimas décadas, diversificaram suas reivindicações, ampliando os direitos básicos. Para além do direito à educação escolar formal, outras perspectivas emergiram e tornaram-se bandeiras entre vários setores da sociedade. Direito à moradia, à informação, ao ambiente saudável, ao acesso

ao acervo cultural da humanidade, ao respeito às manifestações culturais locais e tradicionais e, com significativa expressão, à equidade social, independentemente de cor, raça, gênero e desejo sexual, ocupam as manifestações nos espaços da cidade e do campo, na busca da afirmação da identidade e da construção da cidadania.

Atualmente a educação é considerada um direito de todos e um bem inalienável. Muitas pessoas buscam de alguma forma integrar-se à escola ou participar de algum programa educativo. No campo da educação, existem várias ações que extrapolam os limites da escola, as quais denominam práticas educativas não formais ou não escolares.

A articulação da escola com o seu território de abrangência tem sido o ideário de muitos educadores. Muitas iniciativas deste tipo acabaram por constituir ações educativas fora do espaço escolar. Movimentos de alfabetização de jovens e adultos, de conscientização ambiental, artísticos e culturais, de qualificação profissional, promovem com rapidez na comunidade local novas práticas sociais. As ações denominadas de não formais conseguem, pela sua natureza e permeabilidade, maior aproximação da população com seu lugar de vivência, tornando-se uma alternativa para contribuir e complementar a escola formal em todos os seus níveis.

No projeto em ação na Unifesp, além de outros questionamentos, indagamos: quais as relações entre as práticas não formais e a realidade local? Como se articula com os movimentos sociais com base local? E quais as relações entre a educação não formal e a educação geográfica? Na concepção de Gohn (2007a, p.13) o principal objetivo da educação não formal é a “formação de cidadãos aptos a solucionar problemas do cotidiano, desenvolver habilidades, capacitar-se para o trabalho, organizar-se coletivamente, apurar a compreensão do mundo a sua volta e ler criticamente a informação que recebem”.

Com base na consideração da autora, traçamos um paralelo com a Geografia, sobretudo por abordar, entre seus conceitos, a importância do conhecimento do lugar como base para a construção da identidade e do sentido de pertencimento. Acredita-se que é fundamental para o êxito das ações educativas não formais conhecer a cultura local, a cultura do outro, as características exclusivas do grupo que vive em um determinado espaço, de modo a auxiliar no conhecimento do mundo, na construção da identidade e da cidadania (GOHN, 2007a). Entendem-se como movimentos sociais com base local organizações que lutam por direitos básicos, como moradia, saneamento,

saúde, como acesso e inclusão nos benefícios da sociedade contemporânea sem discriminação econômica, racial e de gênero, entre outras.

A Geografia, na sua trajetória escolar, sempre cumpriu um papel importante na formação das pessoas. Diante da emergência das propostas de ações inclusivas na educação, produtos de inúmeras pesquisas no campo do ensino nos últimos anos, diversos campos disciplinares articulam seus estudos respeitando a pluralidade dos sujeitos sociais, buscando novas perspectivas didáticas para o desenvolvimento de seus conteúdos. Nesse sentido, considera-se que os conhecimentos geográficos podem contribuir para outras modalidades de aprendizagens para além dos espaços escolares. Assim, a educação geográfica, aliada à educação não formal, pode compor projetos que visem à construção da identidade local e a formação da cidadania (CALLAI, 2000). Para a escola formal, ambas as modalidades podem atuar como complementares, pois nenhuma modalidade substitui a outra, e cada uma cumpre um papel na formação dos indivíduos.

No campo das ações não formais, exercidas no interior de diversas organizações, é comum a valorização do fazer cotidiano como referencial. Entende-se que a prática em si gera aprendizagens e saberes, nas não pode ser apenas autorreferencia, necessita de conteúdos e formas de desenvolvimento teórico específicos (GOHN, 2007^a), para os quais, tratando-se do estudo do espaço geográfico, a Geografia tem muito a contribuir para que estas ações tenham maior êxito.

Cursinho Comunitário Pimentas – breve histórico

Os primeiros cursos superiores no Brasil foram criados pelos jesuítas entre os séculos XVI e XVIII. No século XIX havia apenas escolas isoladas em algumas cidades, já que as elites enviavam seus filhos para estudar nas universidades europeias. A criação das universidades data do período da República Velha, na década de 1930, exemplo é a Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934. Após o golpe militar de 1964 foi adotado um caráter instrumental para as universidades. A concepção de universidade estabelecida no Brasil nessa época preocupa-se mais com a formação voltada para a qualificação profissional do que com a resolução de problemas sociais. (CASTRO, 2005).

Nos anos de 1960 a Reforma Universitária realizada no país estabeleceu efetivamente o caráter “eliminatório” por meio de exames para o ingresso na universidade. Em conjunto com o método “classificatório” já existente anteriormente, o modelo permitiu que o setor privado entrasse no mercado da Educação Superior, atendendo a uma demanda pública de vagas e fazendo da educação um negócio lucrativo. No final da década de 1990, quando houve ampliação das matrículas no Ensino Médio, aumentaram, por parte de vários setores da sociedade, as cobranças por vagas no Ensino Superior público. Nesse momento, também foram criados os Centros Universitários, sendo a sua maioria pertencente à iniciativa privada, alimentando a fantasia da melhoria da qualidade de vida da população por meio de um diploma de curso superior.

É na década de 1990 que as reivindicações das entidades de representação docente e estudantil se ampliam, exigindo mais vagas nas universidades públicas. Entre elas, destacam-se o “Fórum dos Cursinhos Alternativos de São Paulo” e o “Movimento dos Sem Universidade” (CASTRO, 2005), ambos preocupados em preparar jovens e adultos para as provas de seleção para o ingresso na universidade. Nessas novas lutas figura também a questão das cotas raciais e para estudantes de escola pública, garantia de vagas na universidade pública para setores da sociedade que historicamente sempre foram excluídas.

Os cursinhos alternativos e populares no Brasil têm sua gênese na década de 1970, surgiram inicialmente como luta para o acesso ao ensino superior entre as camadas menos favorecidas da sociedade. Os cursinhos populares passaram a se organizar nos meados da década de 1980 na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro. Nasceu articulado ao Movimento Negro e aos setores da Igreja Católica. A organização mais significativa deste movimento foi a EDUCAFRO¹ (CASTRO, 2005).

O Cursinho Comunitário Pimentas existe há sete anos e foi criado pelo professor da rede pública de ensino básico Rômulo Ornelas, que desejava oferecer aos jovens do bairro uma oportunidade de continuar seus estudos. Em um bairro carente de políticas

¹ Castro (2005, p.49) informa que a EDUCAFRO está entre as mais bem-sucedidas experiências de Cursinhos Populares do Brasil, “atualmente prepara para o vestibular cerca de 5.000 (cinco mil) estudantes negros que, sem o curso, teriam dificuldades financeiras para continuar os estudos. A entidade conta com 184 núcleos, presentes em toda a periferia da cidade de São Paulo e em algumas cidades do interior, e mantém intenso diálogo com diversos setores de atuação, como Direitos Humanos, Moradia, Reforma Agrária, entre outros”.

públicas sociais e educativas, como muitos no país, os jovens ficavam sem perspectivas após terminarem o Ensino Médio, principalmente na escola pública. Na maioria deles estava enraizada a ideia de que universidade é para aqueles provenientes das classes mais abastadas. Com esse projeto buscou-se mostrar aos jovens que é possível fazer um curso superior e, não apenas isso, que a universidade pública é um direito de todos, como afirma um entrevistado,

É direito de todos entrar na universidade pública. Precisamos inserir mais pessoas carentes lá dentro. Atualmente temos mais de cinquenta alunos que fizeram o Cursinho, estudando em universidades públicas; na Unifesp de Guarulhos, tem doze se não me engano, a maior quantidade de alunos da região dos Pimentas que estão na Unifesp passou por aqui (Entrevistado 1).

Conforme consta nas entrevistas, o Cursinho tem como foco primordial a preparação de jovens e adultos para os concursos de ingresso nas universidades públicas, embora também incentive, em menor grau, a entrada em algumas instituições privadas, sobretudo por meio do PROUNI², o qual, apesar das críticas, é reconhecido como uma alternativa para aqueles que querem estudar e não têm acesso à universidade pública, como demonstra o entrevistado,

A gente tem uma visão bastante crítica do programa. Para o nosso ideal o Estado deve prover a universidade pública para todos. Ensino Superior para todo mundo é um direito universal. Só que o PROUNI é um programa interessante, a gente também vê o outro lado, porque possibilitou o acesso à universidade para meio milhão de pessoas, que de outra forma não teriam acesso (Entrevistado 2).

Atualmente o Cursinho não tem vínculo com nenhuma instituição. Utiliza o espaço físico da Prefeitura Municipal de Guarulhos (PMG), situado no Conjunto Marcos Freire, na Rua do Poente, número 148, no Bairro dos Pimentas. O Cursinho funciona todos os sábados e domingos, das 8 às 17 horas, e durante a semana existem reuniões para estudos e exibição de filmes. Os alunos tomam café da manhã e almoçam no local. Os recursos são provenientes de doações dos alunos, da comunidade e de apoio

² PROUNI – Programa Universidade para Todos tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa. Disponível em: <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/PROUNI/Oprograma.shtm>.

da PMG que, além de oferecer o local para as atividades, contribui com alimentos. O Cursinho participa do programa de distribuição de alimentos destinados às instituições sociais da PMG.

Outra característica do Cursinho é o voluntariado, representado por moradores do bairro, alunos e ex-alunos, os quais se destacam no projeto, como afirma abaixo um entrevistado,

Têm alguns que estão aqui desde 2002, entraram na universidade e estão ajudando, não pararam com o vínculo, outros passam na universidade e dão aulas, outros vêm uma vez por mês para ajudar, mas existem outros que são frequentadores constantes e contribuem (Entrevistado 2).

O processo de ensino-aprendizagem ocorre por meio de “aulas” ministradas por voluntários, participantes do projeto e por meio de grupos de estudos. Durante seu tempo de existência, o Cursinho já conseguiu colocar, nas palavras dos entrevistados, várias pessoas nas universidades públicas. Parte dessas pessoas volta para o Cursinho como voluntária, criando um círculo de solidariedade,

O objetivo principal é poder ajudar quem me ajudou (o Cursinho), acho que tenho que retribuir o quanto fui ajudado no ano passado (Entrevistado 3).

Formalmente não existe pagamento pelos alunos, mas uma colaboração voluntária de aproximadamente R\$ 15,00 por mês para gastos diversos, sendo esta contribuição substituída por materiais recicláveis. O Cursinho promove um projeto de coleta seletiva de garrafas “pets” e outros materiais. Segundo seus idealizadores, além de o projeto conscientizar os alunos e a comunidade a respeito do problema ambiental, fornece mais recursos para o projeto. O dinheiro arrecadado com a venda é usado para auxiliar também os alunos que entram em universidades fora de Guarulhos. Esse dinheiro serve para as pessoas se manterem até que consigam algum tipo de ajuda da instituição de ensino que ingressaram, como descreve um entrevistado,

A coleta e venda de materiais recicláveis é um trabalho interessante pelos seguintes fatores: o primeiro fator é a questão financeira, porque esse dinheiro vai para o fundo que ajuda o universitário a se instalar no local que ingressou, outro fator é a conscientização ambiental, trabalha-se com a questão do meio ambiente e com o desenvolvimento sustentável da região (Entrevistado 2).

Os alunos levam quinzenalmente para o Cursinho, com a colaboração da comunidade, os materiais para reciclagem (papel, alumínio, plásticos etc.). Parece que esta é uma das regras para a contribuição e parte dos princípios do projeto - o aluno precisa colaborar, contribuir, sentir-se parte do coletivo,

Não se considera falta o aluno que não colabora trazendo os materiais recicláveis, porém se esse aluno não está contribuindo, não está assimilando os princípios do projeto, então no ano que vem não tem como continuar, vai dar a vaga para outra pessoa (Entrevistado 3).

Para a coordenação do projeto o mais importante é a participação, o espírito coletivo e a frequência nas aulas. O Cursinho tem um impacto no bairro, destacando-se na comunidade como um projeto inovador e de inclusão para os jovens e adultos.

Cursinho Comunitário Pimentas como movimento social

No Brasil, a educação não formal apresenta uma estreita relação com os movimentos sociais (GOHN, 2007a). Essa relação está focada no aspecto político, isto é, no caráter educativo da organização política da coletividade. Boneti *apud* Jezine e Almeida (2007, p.56) conceitua movimento social como “uma manifestação coletiva, organizada ou não, de protesto, de reivindicação, de luta armada ou como simples processo educativo, com o objetivo de interferir na ordem social”. Para o autor, esses movimentos surgem de um contexto histórico específico, que de certa forma diferencia sua ação, porém, tem em comum a defesa dos direitos e bens sociais de parte da sociedade que fica excluída. Movimento social aqui entendido como movimento coletivo em busca de mudanças pela melhoria da qualidade de vida e na reivindicação de direitos sociais dos indivíduos que deles são relegados.

Entende-se que a ação educativa estudada é não formal. De acordo com as entrevistas obtidas dos participantes do Cursinho e nas visitas realizadas no projeto, considera-se que, além de preparar os jovens e adultos para entrar na universidade, o Cursinho constitui-se um movimento social com base local e é aí que fazemos uma relação com a Geografia. Gohn (2007b) destaca as várias dimensões da educação não formal com caráter emancipatório, defende que essas ações apresentam várias dimensões, como a aprendizagem política, de práticas que capacitam os indivíduos com

objetivos comunitários, além de proporcionar aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista da compreensão do que se passa ao seu redor. Nesse sentido as ações observadas vão além do projeto de preparação para os exames para o Ensino Superior, pois despertam nos seus participantes o interesse pelo lugar onde vivem e a partir daí passam a interagir com o bairro e com a cidade. Vários jovens que passaram pelo Cursinho e concluíram o curso superior atuam ou desejam atuar nas áreas periféricas de Guarulhos e de outras cidades.

É comum nos discursos dos entrevistados o destaque para o questionamento contra a ordem estabelecida, contra a pouca oportunidade que os jovens das classes menos favorecidas economicamente encontram para cursar o Ensino Superior, em especial as universidades públicas. Nas falas dos entrevistados vários fatores são citados, como: a baixa qualidade de ensino público básico, as dificuldades socioeconômicas para competir diante do modelo de seleção para a universidade, como confirma um entrevistado,

O Cursinho se constitui como referência nessa região, uma possibilidade de cursar o Ensino Superior, coisa que antigamente não existia, universidade era sinônimo de pagar. Hoje em dia há muita gente que faz universidade! Por que eu não posso fazer? As pessoas saem do Ensino Médio com uma possibilidade que antes não existia (Entrevistado 2).

Os cursinhos preparatórios para ingresso na universidade com características comunitárias e populares constituem na atualidade um meio para as classes populares conseguirem passar pelo “obstáculo” do exame vestibular que ainda é meritocrático, característica que dificulta muitos alunos provenientes da escola pública a competir com aqueles provenientes das classes médias e altas. Por isso, esses cursinhos são na atualidade

fruto das ações políticas de atores engajados em projetos e mobilizações cujo eixo é a transformação social da realidade por meio do incentivo e da preparação das classes populares para o ingresso no Ensino Superior gratuito (CASTRO, 2005. p.48).

Notou-se que, além do estudo dos conteúdos exigidos pelo exame vestibular, há ações concretas para situar os sujeitos na sociedade, discutindo a origem das desigualdades sociais e muitas das razões de sua manutenção. Todas as semanas

acontecem projeções de filmes como referenciais para discussões de temas de interesse geral, os relacionados às matérias exigidas nos exames vestibulares. Fato interessante observado é a exigência da participação dos alunos do Cursinho nas aulas de cidadania, assim como sua participação em movimentos sociais, passeatas, manifestações políticas etc. Essas práticas são destacadas na fala de um entrevistado,

Fazemos um trabalho de conscientização ambiental do processo de reciclagem. Fazemos outro trabalho que é a questão da participação política. Queremos os jovens engajados politicamente através da participação nos movimentos populares e da interferência na vida da cidade. A gente consegue mudar alguma coisa, consegue fazer alguma interferência (Entrevistado 1).

Diante disso, entende-se que, mais que um simples cursinho preparatório para ingressar na universidade, pode-se caracterizá-lo como um movimento social. Essa consideração justifica-se pelo fato de o Cursinho constituir uma ação coletiva, não institucionalizada, de um grupo com interesses comuns, que, em uma dada realidade num determinado espaço, se une na direção da transformação daquela situação que vive, visando vislumbrar alternativas de mudança reais. Assim, considera-se o Cursinho Comunitário Pimentas como uma ação educativa não formal, que, além de se diferenciar da educação formal ou escolar, também tem características de movimento social, por seu caráter integrador dos indivíduos à sociedade. Uma educação para a vida coletiva e para a conquista de direitos, como demonstra um entrevistado,

Todo Sete de Setembro (data da Independência do Brasil) participamos do “Grito dos Excluídos”, evento de contestação realizado pelos movimentos sociais ocorrido nesta data. Fazemos debates em sala de aula sobre temas sociais. Nosso objetivo não é apenas fazer com que o aluno entre na universidade e sim fazer com que entre de uma forma crítica, questionando a realidade social. Por isso é que esse trabalho dá certo, por que todos que entram voltam para ajudar (Entrevistado 2).

Para Almerindo Afonso, educador português, a educação não formal surge em decorrência da necessidade de complementação ao ensino formal escolar público que não conseguiu suprir todas as demandas das quais foi incumbido. Desde sua criação, a escola pública sempre foi idealizada como a redentora de todos os males sociais, como destaca o autor,

enquanto instituição da modernidade, a escola pública foi incumbida da tarefa de ajudar a concretizar o projeto societal impulsionado pelos ideais da

Revolução Francesa e da Revolução Industrial, devendo para isso dar um contributo decisivo para o progresso cultural, científico e técnico, e para a construção de percursos de emancipação pessoal e social que libertassem os indivíduos das amarras da ignorância e do obscurantismo (AFONSO, 2001, p.29).

Duzentos anos se passaram e a escola pública não conseguiu cumprir todos os objetivos a ela atribuídos, e nem poderia, continua sobrecarregada, e ainda não se livrou do pesado fardo de transformadora social, tendo que formar cidadãos críticos, reflexivos, salvá-los da ignorância e ainda preparar indivíduos competentes para o mercado de trabalho etc. Tudo isso com os poucos recursos financeiros a ela destinados.

Não se pretende nesse trabalho defender e nem condenar a escola pública pelas suas dificuldades, contudo levantar alguns problemas que a educação enfrenta na atualidade, tais como: a falta de políticas públicas condizentes com suas reais necessidades e a conservação dos interesses e valores das classes dominantes etc. Diante dessas considerações, pergunta-se: com tantas incertezas, qual é o papel e a função da educação escolar diante dos novos desafios e problemas contemporâneos, decorrentes de um mundo globalizado? São muitas perguntas que ainda não temos respostas seguras, talvez nem sejam respondidas brevemente. Diante disso, manifesta-se que quem mais sente os efeitos da crise da educação escolar é a população de baixa renda, a menos favorecida.

Além dos problemas citados anteriormente sobre a escola pública, percebe-se na fala dos entrevistados ênfase no papel dos professores como uma das questões centrais do fracasso na escola básica. É explícita a crítica de um entrevistado sobre os professores do ensino público formal quando foi perguntado por que os mesmos não são convidados para serem voluntários,

A gente não chama professores da escola pública porque não estão preparados para orientar na realização dos exames vestibulares, ou seja, se formaram há anos e muitos têm vícios de escola pública ou vícios de escola. Ficam passando aquelas matérias explicando de uma forma distante. Os professores do Cursinho têm que ser didáticos, dinâmicos, passar informações para que as pessoas consigam decifrar e entender o que os exames solicitam. Devem envolver a pessoa em sua aula. Por isso, quem passou na universidade voltam pra dar aula, eles têm mais capacidade para ensinar as pessoas a passar nas provas (Entrevistado 2).

Em face do depoimento acima, confirma-se a existência do Cursinho como uma alternativa para jovens e adultos das camadas menos favorecidas concorrer com os mais privilegiados, na medida em que o exame convencional está centrado na avaliação de conteúdos.

Considerações finais

Diante do estudo realizado, considera-se que o Cursinho Comunitário Pimentas constitui uma ação educativa não formal e um movimento social, pois, além de atingir seu objetivo, que é preparar jovens e adultos para ingressar no Ensino Superior, também promove mudanças na visão de mundo das pessoas e no espaço do Bairro dos Pimentas, em Guarulhos. Constatou-se que muitos participantes do projeto adquirem um sentimento de pertencimento aos propósitos do Cursinho, que é ajudar as pessoas no ingresso na universidade, melhorar sua condição de vida e despertar para o questionamento da atual ordem social.

A maioria das pessoas que estudam no Cursinho passa a perceber com mais clareza a realidade de exclusão em que estão inseridas. Entre as diversas ações praticadas, destacam-se a discussão voltada para a cidadania, a conscientização ambiental, por meio do programa de reciclagem, e a participação nas ações em conjunto com outros movimentos sociais.

Contudo, pode-se dizer que esse projeto promove ações afirmativas no Bairro dos Pimentas, possibilita aos jovens egressos da escola pública vislumbrar uma vaga na universidade, em especial a pública. Em geral, esse estudo demonstrou que o Cursinho se difere da escola formal de ensino básico, desenvolve ações afirmativas e desperta nas pessoas a atenção para a realidade local. Nesse sentido, constitui-se um fenômeno geográfico.

Referências

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da Educação. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von e outros (orgs.). **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CASTRO, Cloves Alexandre. **Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino superior no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza (org.). Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino. In: **Formação de professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: Ed. Vieira, 2006.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. Disponível em: <www.prof2000.pt/users/dicsoc/soc_a.html>. Acesso em: 31 jan. 2008.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais, políticas públicas e educação. In: JEZINE, Edineide e ALMEIDA, Maria de Lourdes P. (orgs.). **Educação e movimentos sociais**. Campinas: Ed. Alínea, 2007a.

GOHN, Maria da Glória (red. texto). **Não-fronteiras: universos da educação não formal**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007b.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados demográficos e censitários**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

JEZINE, Edineide e ALMEIDA, Maria de Lourdes P. (orgs.). **Educação e movimentos sociais**. Campinas: Ed. Alínea, 2007.

PINHEIRO, Antonio Carlos (coordenador). **Comunidade de aprendizagem: estudo do meio no bairro dos Pimentas–Guarulhos** (Relatório de pesquisa). Guarulhos: Pedagogia/Unifesp, 2007.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Identidade urbana e globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos**. São Paulo: Annablume/SIMPRO.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von e outros. **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia**. São Paulo: Unifesp/Campus Guarulhos, 2006.

Recebido para publicação em novembro de 2010

Aprovado para publicação em dezembro de 2010